



CAROLINA MARIA DE JESUS: FOME E CIDADANIA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

João Batista Villas Boas Simoncini¹

Pedro Tanagino²

Antônia Amélia Barbosa³

Claudio Ramon Dias⁴

Linha de Pesquisa: Gastronomia Brasileira

RESUMO

A partir da leitura e da promoção de debates em torno de *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (2014), da escritora Carolina Maria de Jesus, a pesquisa originada do Projeto de Extensão executado com os alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Marechal Mascarenhas de Moraes – Colégio Polivalente do Bairro Teixeiras –, Juiz de Fora – MG, leva à reflexão sobre as relações entre alimentação e cidadania no Brasil, com uma proposta voltada para o Ensino na rede pública de Educação. Por uma abordagem transdisciplinar entre a sociologia weberiana, a contextualização histórica e os estudos literários, analisaram-se com os estudantes as associações entre gastronomia, alimentação e (in)segurança alimentar e os desafios e conquistas na busca por um conceito de cidadania plena no Brasil contemporâneo, como está descrito na Constituição Federal de 1988. Ao fim do Projeto, foi ministrado um curso básico de elaborações tradicionais da culinária baseada na obra supracitada, a qual está atravessada pela fome e pelas misérias sociais.

Palavras-chave: Fome. Segurança Alimentar. Cidadania. Carolina Maria de Jesus.

¹ Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Coordenador e professor do curso Tecnólogo em Gastronomia do Centro Universitário UniAcademia. Orientador.

² Doutor em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Pesquisador em Estágio pós-doutoral com financiamento da Bolsa PDJ-CNPq/FAPEMIG (Processo N.: BPD-00899-22). Coorientador voluntário.

³ Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF – e pesquisadora das produções de Carolina Maria de Jesus. Professora do Núcleo de Linguagens do IF Sudeste MG, Campus Santos Dumont. Colaboradora externa.

⁴ Graduando do curso Tecnólogo em Gastronomia do Centro Universitário UniAcademia. Bolsista.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte de uma série de pesquisas em torno do tema central a (in)segurança alimentar, as quais têm sido apresentadas em diferentes projetos de pesquisa e extensão já realizados no Centro Universitário UniAcademia, dentre estes, destacam-se: “As contribuições de Josué de Castro para a compreensão da questão alimentar no Brasil” (Cf. Simoncini; Tanagino; Ladeira, 2020) e “restaurante popular” (cf. Simoncini, Tanagino, Marques, 2022).

Com base na leitura da obra autobiográfica *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), de Carolina Maria de Jesus, a abordagem metodológica empregada nesta pesquisa se subdividiu em dois momentos. Primeiramente são apontadas algumas reflexões sobre o problema social da insegurança alimentar neste país como uma violação do direito básico à cidadania – tendo como ponto de partida a vida e da obra de Carolina Maria de Jesus – em torno da relação entre gastronomia, (in)segurança alimentar e cidadania na escola pública, e sua contribuição para a culinária brasileira. Busca-se, também, demonstrar aos estudantes, por meio da pesquisa sobre a precariedade de acesso à alimentação e as estratégias culinárias adotadas pela escritora e descritas no livro supracitado, um questionamento sobre a realidade social e alimentar no Brasil contemporâneo.

A abordagem dessa dimensão do objeto de pesquisa seguiu os princípios norteadores da sociologia compreensiva, que tenta entender a sociedade partindo do ponto de vista dos indivíduos que a compõem. Assim, ao invés de tratá-la como uma entidade externa e objetiva, a sociologia compreensiva se interessa pelas motivações, intenções e significados que as pessoas atribuem às suas ações. Para tanto, a pesquisa apoia-se no conceito weberiano de “ação social” (Weber, 1987, p. 40-45).

Por ação social entende-se qualquer ação orientada para o outro, ou seja, um comportamento que leva em consideração o comportamento de outros indivíduos e que, portanto, tem um significado social. Esse conceito é assinalado por três características centrais: intencionalidade, porque a ação social não é um ato mecânico, mas sim uma conduta com um propósito e um sentido para quem a realiza; orientação para o outro, uma vez que a ação social sempre leva em consideração a presença e as reações de outras pessoas; e significado, tendo em vista que toda ação social carrega um significado subjetivo para quem a pratica. Desse modo, ao invés de apenas descrever os fatos sociais, a sociologia compreensiva busca entender o

porquê de elas agirem de determinada forma, quais os valores e crenças que guiam suas escolhas. Além disso, Weber (1987) também separa as ações sociais em quatro tipos, por meio dos quais pode-se compreender a trajetória de Carolina Maria de Jesus dentro do tipo de ação social determinada pela afetividade, a qual é motivada de forma especificamente emocional, resultante de uma configuração especial de sentimentos e emoções por parte do indivíduo, e também do tipo de ação social racional, determinada pela crença consciente no valor absoluto da ação como tal, como por exemplo suas crenças, valores e princípios morais.

A sociologia compreensiva oferece uma perspectiva mais profunda e humana para a análise da sociedade. Ao considerar as motivações individuais, esse conceito contribui para uma melhor compreensão de fenômenos como mudanças sociais, ao entender as razões pelas quais as pessoas aderem a novas ideias e comportamentos, conflitos sociais, ao analisar as diferentes perspectivas e interesses em jogo, instituições sociais, ao desvendar os significados que os indivíduos atribuem a instituições como a família, a religião e o Estado. Em suma, a sociologia compreensiva nos convida a olhar para a sociedade não apenas como um conjunto de estruturas, mas como um espaço de interação entre sujeitos que atribuem significados às suas ações. Dessa forma, a ampliação do escopo da análise da ação social de Carolina Maria de Jesus – dentro do quarto de despejo – se dá com um amplo diálogo transdisciplinar com a História, para a explicação dos contextos históricos e estruturas sociais em que se deu a sua trajetória em análise, bem como com os Estudos Literários, que permitem maior aprofundamento sobre as ideias transmitidas em seu diário e as estratégias narrativas utilizadas por Jesus para contar e expor não somente suas vivências reais, mas as de outros moradores da favela do Canindé.

No segundo momento, a experiência da escritora, no que se refere à luta por dignidade, justiça social e seus sonhos em busca de uma vida melhor, de uma casa própria longe de seu barraco na favela e sua visão do que seria uma alimentação não apenas digna, mas como parte essencial da satisfação humana por felicidade e realização no mundo, serve-nos de orientação para a elaboração da ficha técnica e da execução de um menu inspirado nos relatos de Carolina Maria de Jesus, na forma de um curso ministrado aos alunos da Escola Estadual Mascarenhas de Moraes – E.E.M.M.M – na cozinha do Centro Universitário UniAcademia.

Em relação aos locais de execução do projeto, foram utilizadas as salas de aula e laboratórios de informática da Escola Estadual Marechal Mascarenhas de Moraes,

o espaço do Centro de Valores e as cozinhas didáticas do curso Tecnólogo em Gastronomia do Centro Universitário UniAcademia, com a finalidade de promover, implementar e coordenar ações de introdução e preparação para o mundo do trabalho, conforme descrito nos objetivos deste Projeto de Extensão.

2 “A FOME TAMBÉM É PROFESSORA”: A EXPERIÊNCIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS COMO SUBSÍDIO PARA UMA ABORDAGEM DE ENSINO PARA A CIDADANIA NA ESCOLA PÚBLICA

Carolina Maria de Jesus (1914-1977) nasce no ano da Primeira Guerra Mundial, há exatos vinte e seis anos após a Abolição da Escravatura, em Sacramento – no interior de Minas Gerais. Desde criança convive com a fome, o racismo, os preconceitos de todos os tipos, a escassez de tudo e o silenciamento social que lhe era imposto, mas não se resigna às agruras do cotidiano. Numa tentativa de sobrevivência, migra, sozinha, para o estado de São Paulo, na década de 1930. Em 1937, a escritora muda-se para a favela do Canindé, na capital paulistana, tornando-se catadora de recicláveis e sustentando, como mãe solo, seus três filhos José Carlos, João José e Vera Eunice – testemunhas da moléstia da fome e da pobreza. Além dessa profissão, em seu percurso de vida, foi lavradora, empregada doméstica, cozinheira, lavadeira, compositora e escritora. Mulher negra e de origem periférica, ela estudou somente dois anos na escola, mas construiu uma escrita de resistência cultural contra a lógica dominante.

Cabe dizer que esse período de 1930 não só foi caracterizado por avanços e um amplo, profundo e violento processo de transformação estrutural do Brasil e da sociedade brasileira, como também por contradições enraizadas em antigos problemas sociais do país.

A Era Vargas, com seu marco inaugural na Revolução de 1930, é comumente definida em nossa historiografia como um momento de transição de um sistema de base agroexportadora com instituições definidas pelo pacto intraoligárquico da Primeira República, conhecida como a “República Velha”, fortemente representada pelo coronelismo, o clientelismo e o patrimonialismo, para outro de base urbano-industrial, sob um regime político nacional-estatista de inspiração corporativista (Gomes, 2013; Fausto, 1986; Carone, 1978; Carone, 1976).

Como se sabe, o ano em que Carolina Maria de Jesus chegou a São Paulo, 1937, o Brasil entrava em uma ditadura que perduraria até o fim da Segunda Mundial, em 1945, fase conhecida como a ditadura do Estado Novo, chefiada por Getúlio Vargas. O governo alçava o “desenvolvimento” e a “modernização” como metas, em torno das quais o Estado buscou construir o consenso e o consentimento diante do novo regime que ampliava, com um certo limite, a cidadania social, restringindo

duramente a cidadania política e os direitos civis. Assim, o Estado se tornava o principal agente da “modernização conservadora” (Cf.: Vianna, 1997; Vianna, 1976), isto é, de cima para baixo, alijando o máximo possível a participação popular nesse processo, recorrendo à mobilização das massas somente com o objetivo de gerar adesão e sustentação ao regime. A outra via do regime era a repressão violenta das forças de segurança pública e das Forças Armadas contra opositores do regime e contra indivíduos que não se enquadravam no ideal de “cidadão trabalhador”, portador de Carteira de Trabalho, que o regime buscava impor como padrão desejável de cidadão. O trabalhador informal e os moradores das favelas não se encaixavam nesse padrão.

Dentro desse panorama, a fome já se apresentava como um problema social que ganhava centralidade nas políticas públicas elaboradas na Era Vargas, período em que, conforme dito, Carolina Maria de Jesus instala-se como moradora da favela do Canindé, enfrentando profundos problemas sociais, sobretudo a fome que aparecerá nas narrativas de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014) de forma exaustiva e reiterada: “... O que eu aviso aos pretendentes a política, é que o povo não tolera a fome. E preciso conhecer a fome para saber descrevê-la.” (Jesus, 2014, p.29) através de sua escrita política que reivindica melhores condições de vida para a população brasileira que se encontra à margem. Desde a criação dos restaurantes populares pelo Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS) na década de 1940, a questão do combate à desnutrição, o ensino de boas práticas baseadas em estudos científicos e a consolidação do direito básico à alimentação como parte inerente do direito à vida se consubstancia como política pública do Brasil. Sem embargo, é preciso notar que, desde então, o direito à boa e adequada alimentação se fortalece com a adição de outras políticas e atenções transversais de Assistência Social, compreendendo o indivíduo e o ato da alimentação como inseridos em um amplo contexto de estruturas sociais calcadas na desigualdade social e na precariedade politicamente induzida sobre a classe trabalhadora e sobre os grupos mais marginalizados do país (Fogagnoli, 2011, p. 102-105). No entanto, tais políticas não foram amplas e profundas o suficiente para atender a demanda de largas parcelas da população consideradas mais pobres, conforme é escancarado por Jesus em sua obra.

É importante dizer que, com *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicado pela primeira vez em 1960, Carolina Maria de Jesus tece um retrato fiel da

realidade brasileira, radiografando a fome e seus miseráveis: “A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estomago.” (Jesus, 2014, p.44). Essa escrita afiada, atual e atemporal não fala só de si, mas de uma coletividade que se encontra na mesma situação. Além disso, a leitura dessas narrativas contribui para uma análise social de fatos existentes no nosso contemporâneo, provocando uma série de debates sobre o passado para pensarmos no presente.

A grande contribuição dessa produção imortal lança luz aos fatos do país que ainda vivemos hoje, levando-nos a pensar, sobretudo, a literatura como palco de ações educativas que visem combater o racismo, a discriminação, as injustiças e desenvolver a visão crítica acerca da representatividade do sujeito negro e seus atravessamentos. O texto de Carolina Maria de Jesus está ao alcance do leitor e é um instrumento de poder nas mãos de uma mulher negra, como emblema das lutas sociais, servindo-nos como parâmetro para contestarmos a invisibilidade intelectual de sujeitos afrodescendentes em um contexto diaspórico, principalmente as mulheres negras. Portanto, o diário da escritora incorpora no processo de escrita um sujeito consciente de sua intelectualidade e questionador de sua invisibilidade social.

O processo de escrita da referida obra ocorreu entre os anos de 1955 e 1959, a partir de papéis resgatados do descarte da população paulistana e ressignificados por Jesus, que transformou o lixo em literatura, juntando a fome com a vontade de escrever: “... O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora.” (Jesus, 2014, p.29). A força dessa escritura nos conduz à reflexão de um mundo em busca de justiça e equidade para todos. Indubitavelmente, é uma escritura que estilhaça toda a engenharia de opressão contra o sujeito negro, pobre e periférico. Com a obra, a escritora tornou-se, àquela época, a primeira mulher negra a vender 1 milhão de livros no mundo para falar de forma afiada sobre a fome, o racismo, as desigualdades do país, entre outras complexidades, reivindicando o direito de fala e de escuta.

Traduzido em mais de quatorze idiomas, em 1960, *Quarto de despejo*: diário de uma favelada coloca a escritora em posição de destaque tanto dentro do país quanto no exterior. Com o estômago quase sempre vazio e o pensamento incessante, escrevia para canalizar seu sofrimento e denunciar as injustiças de quem vive à margem: “... Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais.” (Jesus, 2014, p. 46). Como se nota, a escritura de Jesus

é um ato político contra as atrocidades existentes na nação brasileira. Infelizmente, a obra foi retirada durante o golpe militar de 1964 por desestabilizar a ordem e os poderes existentes, sendo considerada perigosa, segundo o historiador e professor Meihy (1998), porque “Carolina emblemava a luta de classes segundo o modelo cabível naquele instante.” (Meihy, 1998, p. 88). Isso com certeza contribuiu para seu esquecimento.

Carolina Maria de Jesus cresceu em um meio de pessoas analfabetas e não teve uma infância cercada por livros. Frequentou somente dois anos escolares, interrompendo os estudos para trabalhar em fazendas aos arredores de sua cidade natal e, dessa forma, contribuir com o sustento familiar, mas sempre viveu das práticas de letramento, por consumir todos os tipos de leitura, nas casas de patrões em São Paulo. Toda a sua curiosidade e invocação para ler e escrever a tornaram uma mulher muito culta e atualizada dos fatos cotidianos e históricos do país. Sua escrita política vem dessa admiração pela literatura.

Esta pesquisa tem como objetivo geral capacitar os alunos da Disciplina Eletiva “Introdução ao Mundo do Trabalho” para as turmas do 1º ano (turmas 101 e 102) do Ensino Médio da Escola Estadual Marechal Mascarenhas de Moraes, conhecida como Colégio Polivalente do bairro Teixeiras, na cidade de Juiz de Fora – MG, seguindo as diretrizes gerais adotadas pela Secretaria de Estado de Educação do Estado de Minas Gerais em 2022 (Estado de Minas Gerais, 2023).

O fio condutor do projeto foi a relação entre segurança alimentar e cidadania. Buscou-se especificar os elementos e os agentes que contribuíram para a compreensão da alimentação e dos desafios para a democratização da boa alimentação e dos alimentos saudáveis e de qualidade no Brasil contemporâneo.

O conceito de Segurança Alimentar veio à luz a partir da 2ª Grande Guerra com mais de metade da Europa devastada e sem condições de produzir o seu próprio alimento. Esse conceito leva em conta três aspectos principais: quantidade, qualidade e regularidade no acesso aos alimentos. (Belik, 2003, p. 13).

O IBGE classifica a insegurança alimentar em três níveis – leve, moderada e grave – da seguinte maneira: Insegurança alimentar leve: há preocupação ou incerteza quanto acesso aos alimentos no futuro, além de queda na qualidade adequada dos alimentos resultante de estratégias que visam não comprometer a quantidade de alimentação consumida. Insegurança alimentar moderada: há redução

quantitativa no consumo de alimentos entre os adultos e/ou ruptura nos padrões de alimentação. Insegurança alimentar grave: há redução quantitativa de alimentos também entre as crianças, ou seja, ruptura nos padrões de alimentação resultante da falta de alimentos entre todos os moradores do domicílio. Nessa situação, a fome passa a ser uma experiência vivida no lar. (Correio, 2020).

Outro aspecto importante da noção de segurança alimentar diz respeito à qualidade dos alimentos consumidos e a dignidade do ato de se alimentar:

A alimentação disponível para o consumo da população não pode estar submetida a qualquer tipo de risco por contaminação, problemas de apodrecimento ou outros decorrentes de prazos de validade vencidos. Evidentemente, a qualidade dos alimentos diz respeito também à possibilidade de consumi-los de forma digna. Dignidade significa permitir que as pessoas possam comer em um ambiente limpo, com talheres e seguindo as normas tradicionais de higiene. (Belik, 2003, p. 14).

A partir da análise de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), do contexto histórico e da ação social da escritora mineira, a parte prática desse Projeto de Extensão seguiu uma definição sugerida por Paul Singer (2008, p. 289) quanto ao conceito de “economia solidária”, qual seja, “um modo de produção que se caracteriza pela igualdade. Pela igualdade de direitos, os meios de produção são de posse coletiva dos que trabalham com eles – essa é a característica central”. Para os fins desta pesquisa, pode-se enfeixar de forma mais ampla e explicativa o conceito de “economia solidária” com as seguintes palavras do autor:

Nós costumamos definir economia solidária como um modo de produção que se caracteriza pela igualdade. Pela igualdade de direitos, os meios de produção são de posse coletiva dos que trabalham com eles – essa é a característica central. E a autogestão, ou seja, os empreendimentos de economia solidária são geridos pelos próprios trabalhadores coletivamente de forma inteiramente democrática, quer dizer, cada sócio, cada membro do empreendimento tem direito a um voto. Se são pequenas cooperativas, não há nenhuma distinção importante de funções, todo o mundo faz o que precisa. Agora, quando são maiores, aí há necessidade que haja um presidente, um tesoureiro, enfim, algumas funções especializadas, e isso é importante sobretudo quando elas são bem grandes, porque aí uma grande parte das decisões tem que ser tomada pelas pessoas responsáveis pelos diferentes setores. Eles têm que estritamente cumprir aquilo que são as diretrizes do coletivo, e, se não o fizerem a contento, o coletivo os substitui. É o inverso da relação que prevalece em empreendimentos heterogestionários, em que os que desempenham funções responsáveis têm autoridade sobre os outros. (Singer, 2008. p. 289).

São poucos os estudos científicos sobre o tema proposto, qual seja, a relação entre literatura e gastronomia no processo das lutas sociais por ampliação de direitos e da cidadania. Neste sentido, buscamos explorar a temática utilizando uma perspectiva gastronômica, tratar a alimentação como ápice do desenvolvimento humano, na promoção de transformação social, para superar a existência da fome, o desperdício de alimentos e a insegurança alimentar. As práticas solidárias na gastronomia servem para:

[...] convivência próxima, o compartilhamento de atividades, o cuidado com o outro, dentre outras. Nesse movimento, pontua-se que a solidariedade, por ser um indicativo para a conscientização do coletivo, em relação à humanização nas relações e ao desenvolvimento dos processos de trabalho, valoriza os sujeitos e contribui para o processo emancipatório. (Soledade; Cardoso; Pena; Figueiredo; Oliveira, 2017. p. 1192).

Por meio do que foi apresentado, elaborou-se um menu que teve como base alguns dos alimentos descritos por Carolina Maria de Jesus no livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), a fim de capacitar os estudantes do 1º ano (turmas: 101 e 102) do Ensino Médio da Escola Estadual Marechal Mascarenhas de Moraes, de modo a levá-los à compreensão de que o direito à uma alimentação adequada nutricionalmente e saudável faz parte da cidadania plena.

O menu executado na cozinha-escola foi inspirado nos pratos mais apreciados por Carolina Maria de Jesus, como ela narra em sua obra, e composto por: arroz branco, tutu de feijão, pernil de porco assado, salada de maionese (à base de batata e cenoura), farofa de ovos, conforme as imagens a seguir:

Arroz branco e tutu de feijão.



Foto: Letícia Scott Meyer, ASCOM – UniAcademia – 08/11/2024.

Salada de maionese, pernil de porco assado e farofa de ovos.



Foto: Letícia Scott Meyer, ASCOM – UniAcademia – 08/11/2024.

A sobremesa preparada foi banana caramelizada com calda de laranja, cravo e canela, uma vez que Carolina expressou em diversos trechos sua predileção pela sobremesa de banana com canela, e sorvete de açaí, sendo este último item um

pedido dos alunos do Projeto de Extensão, mas que não consta nos relatos de Carolina Maria de Jesus.

Banana caramelizada com calda de laranja e sorvete de açaí.



Foto: Letícia Scott Meyer, ASCOM – UniAcademia – 08/11/2024.

Encerramento do curso prático do Projeto de Extensão.



Foto: Letícia Scott Meyer, ASCOM – UniAcademia – 08/11/2024.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão analítica de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), de Carolina Maria de Jesus, serviu-nos para analisarmos as relações entre fome e cidadania na população brasileira. Não somente isso, as discussões dessa produção ímpar, no ambiente escolar, permitiram-nos uma aproximação com nossos estudantes de escola pública – muitos deles são atravessados por essa epidemia ou pela insegurança alimentar diariamente – levando-os a construir um pensamento crítico e de conscientização de que o Brasil é um país das desigualdades acirradas e que a fome é o elemento que oprime os cidadãos e cidadãs, retirando-lhes a dignidade e transformando-os em farrapos humanos.

De acordo com o que foi exposto neste artigo, foram apresentadas aos alunos outras possibilidades de vida profissional e superação da precariedade comum às vidas periféricas do Brasil, ou seja, continuar os estudos, empreender ou mesmo ingressar no mercado de trabalho a partir da atividade gastronômica e culinária. Refletiu-se com eles, a partir do projeto de extensão, as relações entre gastronomia, alimentação e (in)segurança alimentar e os direitos básicos que envolvem a conquista de uma cidadania plena no Brasil contemporâneo, de acordo com a Constituição Federal de 1988.

Para finalizar, resulta importante destacar que autores e autoras oriundos da margem, como é o caso de Carolina Maria de Jesus, têm o direito à vida e de produzir conhecimento. Assim, a escrita para a autora é testemunho das experiências que não podem ser esquecidas. Seguindo essa trilha, os alunos e as alunas – em sua maioria negros e periféricos – que desenvolveram o Projeto de Extensão também têm o direito a uma educação transformadora, possibilitando-lhes o direito à cidadania.

CAROLINA MARIA DE JESUS: HUNGER AND CITIZENSHIP IN CONTEMPORARY BRAZIL

ABSTRACT

Based on the reading and promotion of debates around *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (2014), by the writer Carolina Maria de Jesus (1914-1977), the research originated from the Extension Project carried out with high school students from the Escola Estadual Marechal Mascarenhas de Moraes – Colégio Polivalente do Bairro Teixeiras –, Juiz de Fora – MG, leads to reflection on the relationships between food and citizenship in Brazil, with a proposal focused on teaching in the public education system. Through a transdisciplinary approach between Weberian sociology, historical contextualization and literary studies, the associations between gastronomy, food and food (in)security were analyzed with the students, as well as the challenges and achievements in the search for a concept of full citizenship in contemporary Brazil, as described in the Federal Constitution of 1988. At the end of the Project, a basic course on traditional culinary preparations was taught based on the aforementioned work, which is crossed by hunger and social misery.

Keywords: Hunger. Food Security. Citizenship. Carolina Maria de Jesus.

REFERÊNCIAS

- BELIK, Walter. Perspectivas para a segurança alimentar e nutricional no Brasil, **Saúde e Sociedade**, v. 12, n. 1, p. 12-20, jan-jun 2003. Disponível: <<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/y9DcgRjXh7V9YPDKqdqrHCk/>> - Acesso: 01 nov. 2024.
- CARONE, Edgard. **A Segunda República (1930-1937)**. 3 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1978.
- CARONE, Edgard. **O Estado Novo (1937/1945)**. São Paulo: DIFEL, 1976.
- CORREIO. Fome cresce no Brasil em 5 anos e já atinge 10,3 milhões, diz IBGE, **Correio**, 17 de setembro de 2020. Disponível: <<https://correiodecarajas.com.br/fome-cresce-no-brasil-em-5-anos-e-ja-atinge-103-milhoes-diz-ibge/>> - Acesso: 01 nov. 2023.
- ESTADO DE MINAS GERAIS. Resolução SEE Nº 4 .908, de 11 de setembro de 2023. **Diário do Executivo**, terça-feira, 12 de setembro de 2023.
- FAUSTO, Boris (Dir.). O Brasil Republicano. In. **História Geral da Civilização Brasileira**. 3 ed. São Paulo: Difel, 1986.
- FOGAGNOLI, Marcela Martins. “**Almoçar bem é no SAPS!**”: os trabalhadores e o Serviço de Alimentação da Previdência Social (1940-1950). Dissertação de Mestrado (História), Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2011.
- GOMES, Angela de C (Coord.). Olhando para dentro (1930-1964). In: SCHWARCZ, Lilia M. (Dir.) **História do Brasil Nação (1808-2010)**. Madrid/RJ: Fundacion Mapfre/Objetiva, 2013, v.4.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Carolina Maria de Jesus: o emblema do silêncio. **Revista USP**, n.37, p.82-91, 1998. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/27047>>. Acesso em: 10 de set.2023.
- SIMONCINI, João Batista Villas Boas; TANAGINO, Pedro Ivo Dias; LIMA, Elisa Ladeira. As contribuições de Josué de Castro para a compreensão da questão alimentar no Brasil. **ANALECTA**, v. 6, p. 1-20, 2020. Disponível: <<https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/ANL/article/view/2756>> - Acesso: 18 out. 2024.
- SIMONCINI, João Batista Villas Boas; TANAGINO, Pedro Ivo Dias; MARQUES, Mateus Delgado. Restaurante Popular. **ANALECTA**, v. 8, p 1-18. Disponível: <<https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/ANL/article/view/3372/2366>> - Acesso: 18 out. 2024.

SINGER, Paul. Entrevista com Paul Singer. Economia Solidária. Entrevistador: OLIVEIRA, Paulo Salles. **Estudos Avançados**, São Paulo - SP, v. 22. n. 62, jan. / abr. 2008.

SOLEDADE, Jussara Alvarindo Brito; CARDOSO, Ryzia de Cassia Vieira; PENA, Lara Conceição Campos; FIGUEIRÊDO, Karla Vila Nova de Araújo; OLIVEIRA, Tereza Cristina de Oliveira e. A constituição de uma cozinha solidária: o aproveitamento de perdas pós-colheita e a segurança de alimentos: avanços e desafios no enfrentamento da vulnerabilidade social. **DEMETRA**: Rio de Janeiro - RJ, v. 12, n. 4, p. 1185-1202, 2017. Disponível: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/view/28209>> - Acesso: 05 nov. 2024.

VIANNA, Luiz Werneck. **A revolução passiva**. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

VIANNA, Luiz Werneck. **Liberalismo e sindicato no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

WEBER, Max. **Conceitos básicos de sociologia**. Tradução: Rubens Eduardo Ferreira Frias; Gerard Georges Delaunay. São Paulo: Editora Moraes, 1987.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Prof. Dr. Marco Antônio Pereira Araújo – Coordenador – as colaboradoras Daniela Aparecida de Miranda, Maria Eduarda Pires Gomes Ferreira e Matheus Braga Condé do Centro de Pesquisa e Extensão do Centro Universitário UniAcademia pela atenção e apoio e ao UniAcademia pelos recursos concedidos para realização desta pesquisa.